

A construção da identidade travesti no Brasil no século XX, uma análise da obra de Elias Ferreira Veras

VERAS, Elias Ferreira. *Travestis: carne, tinta e papel*. 1ª. Ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017. Volume 1. 214p.

Joana Maria Pedro^(*)
Suyanne Machado Mendes

Elias Ferreira Veras é um historiador graduado pela Universidade Federal do Ceará. Realizou seu mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e seu doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo, o estudo defendido em sua tese, apresentado no livro abordado, com a orientação da Professora Joana Maria Pedro. Dentro de uma concepção foucaultiana e queer, atua nas áreas de História, dando ênfase à História da Imprensa e às Relações de Gênero. É coordenador do Grupo de Estudos em História, Gênero e Sexualidade (GEHGS-UECE-FAFIDAM), e pesquisador do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH-UFSC), do Grupo de Pesquisas e Estudos em História e Gênero (GPEHG-UFC) e do Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF-UECE).

Seu livro, “Travestis: carne, tinta e papel”, apresenta, de maneira muito bem estruturada, sob uma perspectiva de análise crítica, como foi construída a identidade do sujeito travesti no Brasil no decorrer do século XX, com a diferenciação entre dois marcos temporais: o “tempo das perucas” e o “tempo dos hormônios ou farmacopornográfico”. Sua problematização parte da capital cearense, Fortaleza, como reflexo de uma realidade que atinge todo o país, e atesta o definitivo papel que a imprensa desempenhou na produção da visibilidade e na construção das travestis como novo sujeito, assim como seus corpos, sob uma interpretação foucaultiana, foram/são instrumentos de poder do Estado e suas instituições.

A virada do “tempo das perucas” para o “dos hormônios ou farmacopornográfico” se dá na transição da década de 70 para a de 80, o que acarreta em ressignificações do termo travesti. Elias utiliza revistas como a *Manchete*, umas das responsáveis pela construção da imagética travesti, associada ao carnaval e sua primeira aparição efetivamente pública

^(*)Universidade Federal de Santa Catarina; Centro de Filosofia e Ciências Humanas; Departamento de História; História – Ditadura Militar, Repressão e Gênero. E-mail: joanamaria.pedro@gmail.com.

aproximando-a do cotidiano, e a *Playboy*, com a repercussão de Roberta Close, assim como jornais tais quais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, agentes na vinculação das travestis com a criminalidade, como fontes de sua pesquisa.

Por meio da análise do romance de Manoel Amorim, intitulado “Ilca”, o autor desenvolve, notoriamente, um estudo sobre os significados e práticas das bonecas e travestis no “tempo das perucas” nas décadas de 60 e 70. As bonecas eram homens homossexuais que utilizavam de artefatos femininos para se montarem e construírem personagens que seguiam padrões de beleza e eram inspiradas em estrelas norte-americanas. Nesse período, entretanto, ser travesti não era considerado uma identidade, mas sim, um personagem, as bonecas “iam de travesti” para as festividades carnavalescas, e fora dessas, era uma prática quase clandestina, voltada para espaços privados. Essa afirmação se atesta nas falas de Bianca, entrevistada por Elias, que se (auto)identificava como “veado que gosta de vestir roupa de mulher”, mas não travesti. Elias nos mostra como o carnaval deu espaço para que ocorresse a emergência do sujeito travesti, sendo um ambiente que possibilitou sua visibilidade, assim como a ocupação de espaços públicos.

Segundo o autor, na segunda metade do século XX, os bailes e os concursos de bonecas se tornaram instituições do carnaval, e a imprensa passa a veiculá-los, levando a visibilidade travesti aos espaços públicos, e pela primeira vez os termos “gays” e “travestis” aparecem nas revistas e jornais. Ressalta a importância das fotografias estampadas nas matérias, responsáveis pelo estabelecimento da imagem das travestis, nas quais seus corpos concebiam sua representação, e traz uma interessantíssima problemática acerca da reprodução de estereótipos de gênero dentro das relações homoafetivas, com as personagens “bofe” (ativo, agressivo, “macho”) e “boneca” (passivo, delicado, “afeminado”).

No “tempo dos hormônios ou farmacopornográfico”, “sair de travesti” cede lugar a “virar travesti”. As perucas, os vestidos, os acessórios e os saltos altos agora já não bastam mais, e o uso de tecnologias científico-corporais, como os hormônios e o silicone (na maioria dos casos, por ser mais barato, o industrial, que causava grande dano à saúde), passam a ser essenciais para a construção de uma “verdadeira feminilidade”. Na década de 60, travesti era sinônimo de fantasia, e, a partir daqui, representa uma “inversão de gênero”, ou seja, sujeitos que não se “desmontam”.

Rogéria, do Rio de Janeiro, é uma personalidade analisada por Elias, travesti que conquistou fama e representava glamour, se apresentava em espetáculos no exterior, aparecia

nos meios de comunicação e se (auto)identificava como travesti. Trouxe possibilidade de reconhecimento social para as travestis, assim como, a partir dela, pessoas começaram a se reconhecer. O autor entrevista, ainda, Rogéria, travesti de Fortaleza, que afirma ser uma “travesti de verdade” requeria o uso de hormônios e transformações corporais com a aplicação de silicone por “bombadeiras”. Percebe-se, assim, o quão importante foi para a (auto)identificação do sujeito travesti no Brasil, o corpo transformado. Nesse contexto, surge a diferenciação entre travestis e transformistas/bonecas. Travestis não se assumiam ocasionalmente como personagens, mas viviam como indivíduos todos os dias.

Como referência de militância, o autor retrata a história de Thina, que ao mesmo tempo em que se reconheceu como travesti, passou a trabalhar com prostituição nas ruas. Depois do episódio de violência e agressão de policiais nas boates Feitiço e Casablanca em 1988, passa a denunciar a violência e preconceitos contra as travestis à imprensa.

Na passagem da década de 70 para a de 80, as travestis se tornam públicas e midiáticas, e Roberta Close, foi um “fenômeno”, como era chamada, que recebeu destaque na obra de Elias. Roberta desestabilizou as normas de gênero ao aparecer na revista *Playboy*. Por ser uma mulher transexual, mesmo assim em muitas ocasiões chamada, ofensivamente, de travesti, causou a denominada “confusão de gênero”, pois parecia uma “mulher de verdade”. Sua figura incentivou os debates sobre a constituição de gênero como sendo performática, ao mesmo tempo em que sua construção público-midiática se dá em oposição às travestis. De acordo as fontes analisadas pelo autor, Roberta foi a primeira pessoa trans a não despertar sentimento de ódio por ser diferente, mas sim, de ternura, e as qualidades de Roberta foram o que a afastou de “um travesti” nessa produção discursiva. Ela rompe com as fronteiras entre público e privado das “sexualidades periféricas” trazendo visibilidade para as trans, travestis e homossexuais, os aproximando do cotidiano, mesmo que de maneira pejorativa em decorrência de interpretações perversas da imprensa. A partir de Roberta, também, se acentua o processo de marginalização do sujeito travesti, com a distinção entre transexuais e travestis, sendo, as primeiras, pessoas com uma “doença em busca de cura” (a operação de troca de sexo), e, as segundas, associadas à prostituição, sendo um “feminino malsucedido”.

No terceiro, e último, capítulo de seu livro, Elias trata, e problematiza, do dispositivo do estigma travesti como mecanismo de descrédito e marginalização desse sujeito, para proteger a ordem normativa de gênero. A figura das travestis passa a ser associada com roubos, AIDS, prostituição e criminalidade. As imagens mais comuns nos jornais de Fortaleza

passam a serem as das colunas policiais, e a vigilância dos corpos das travestis é intensificada por meio de sua exposição midiática, que as classificavam como perigo a ordem de gênero e da cidade, em decorrência da prostituição, propagando a ideia de que a cidade deveria ser protegida das travestis com força policial.

O autor, ainda, versa sobre o porquê da prostituição como principal alternativa de emprego às travestis, tendo dois como os mais recorrentes motivos: em decorrência da crise econômica na década de 80, a prostituição foi a saída mais rentável, tendo em vista que as travestis eram, e ainda são, excluídas do mercado de trabalho formal; e por prazer, pois, das ruas e avenidas noturnas, faziam suas passarelas, seu meio de estrelato e glamour, onde podiam ser vistas e conquistar reconhecimento social, assim como estabelecer redes de trocas afetivas e sociais. O protagonismo travesti nas ruas, entretanto, chamou a atenção policial, que, de acordo com o estudo de Elias, partiu violentamente para a repressão e violência desmedidas, como forma de controle da visibilidade travesti, que justificou as injúrias. Somada a essa onda de violências, a descoberta da AIDS, e sua classificação como “câncer gay” e “peste gay”, serviu como base para o processo de patologização das travestis e homossexuais.

O autor classifica como “contra-discurso travesti”, com o surgimento da militância e do movimento de resistência possibilitado, também, pela aproximação desse grupo com as redes afetivas criadas nas ruas, a busca da imprensa como forma de denúncia dos abusos e agressões cometidas contra as travestis pela polícia, embasadas na preconceituosa construção do estigma travesti. Esse “contra-discurso” também aludiu à questão da AIDS, formando grupos de solidariedade entre travestis e homossexuais, que atuaram no processo de conscientização e combate à doença.

Elias conclui seu livro apontando para a importância do surgimento de grupos tais quais o Grupo de Resistência Asa Branca (Grab) e a Associação de Travestis e Liberados (Astral) para as lutas e reivindicações das “minorias sexuais”, assim como para a formação de uma identidade travesti cidadã, em busca da melhora da posição das travestis na sociedade e do combate a estigmas, por meio da luta política por direitos.

As afirmações de Elias, provenientes de seu estudo acerca do tema, trazem uma análise crítica muito pertinente que trata da formação da identidade no Brasil e como se sucedeu seu (auto)reconhecimento, e, ainda, reitera debates essenciais para nossa vivência contemporânea em um país altamente machista e LGBTfóbico, que reproduz discursos de

ódio sobre as travestis e as mantêm marginalizadas em muitos âmbitos sociais. Uma obra altamente recomendada para todas/os as/os leitoras/es.

Texto recebido em: 30/09/2017.

Texto aprovado em: 110/11/2017.